

## **Figuras do íntimo-quotidiano na televisão: quando o mundo privado se torna mediático. O caso de SIC e TF1**

Elisabeth Machado Marcellin\*

### **Resumo**

A questão da intimidade e da sua devassa nos *media* e da sua exploração pelas tecnologias nunca foi tão debatida como nestes últimos dez anos. No âmbito deste trabalho, pretendeu-se identificar as condições de emergência, os dispositivos e os tópicos do que chamamos o “íntimo-quotidiano” na televisão francesa, no caso da TF1 e na televisão portuguesa, no caso da SIC. Ao adoptar uma perspectiva diacrónica (1986-2000, para a TF1, 1992-2000, para a SIC) e transcultural, foi-nos possível observar como a vida privada do cidadão comum se expõe e como é codificada. Através de uma análise comparada, o nosso propósito foi o de identificar os desvios semióticos e os aspectos convergentes nessa exposição, assim como o de verificar se as representações e os discursos diferem entre as duas estações. Num mundo cada vez mais globalizado, tentámos apreender as nuances e os graus de pudor e de impudor que caracterizam estes dois universos audiovisuais.

**Palavras-chave:** intimidade, quotidiano, espaço público, vida privada, *media*.

### **1. Introdução**

Muito se tem escrito sobre o impudor na televisão. Os *media* parecem ter elidido, deslocado, perturbado as fronteiras entre o espaço público e espaço privado, mais nítidas em tempos anteriores. A oposição entre privado e público, que remete para o advento da cidade grega, nunca colocou tantas questões como no mundo contemporâneo, tornando-se um tema recorrente nas ciências humanas. A televisão e mormente o mundo de signos em que vivemos ameaçam cada vez mais a nossa intimidade. Esta problemática suscitou *inter alia* a reflexão de muitos investigadores franceses, que se

\* Membro do Centre d'études de l'image et du son médiatiques. [emonalysa@free.fr](mailto:emonalysa@free.fr)

debruçaram, ainda que a níveis diferentes, sobre a pregnância da vida privada nos ecrãs. A entronização do cidadão comum, o triunfo da figura do testemunho, a ideologia da transparência possibilitaram a revelação de uma intimidade impudica, que suscita interrogações e algumas apreensões. Promessa incessante de muitos programas, a intimidade seria, segundo uma expressão de Noel Mamère et de Patrick Farbiaz (2001), «o novo eldorado dos *media*».

Já Dominique Mehl (1996), que se interessou desde os anos 90 por esse fenómeno, considera a “televisão da intimidade” como o sintoma das dificuldades de comunicação entre os indivíduos, sinais reveladores da deliquescência dos laços sociais. Neste caso, os *media* serviriam para saciar simbolicamente uma afectividade, incapaz de ser exteriorizada.

Alain Ehrenberg (1995) vê, por sua vez, na “televisão do pobre” uma terapia do cidadão comum, anteriormente excluído do mundo maravilhoso da televisão. Nos seus primórdios, proscénio privilegiado dos *experts*, dos detentores de uma legitimidade simbólica, a cena mediática, na sua paixão igualitária, cedeu o lugar ao cidadão anónimo, tornado profissional no relato da sua própria vida.

Serge Tisseron (2001), psiquiatra e psicanalista, também se debruçou sobre a questão da intimidade televisiva, ao analisar o “funesto” episódio que o *Loft Story*<sup>1</sup> francês constituiu para a televisão francesa. A sua análise centrou-se sobretudo nos deslocamentos dos limites da intimidade e das mudanças culturais que esse formato parece indicar. Este último teria tornado mais sensíveis as alterações recentes, nomeadamente no que diz respeito à relação do indivíduo com o que releva do “público” e do «íntimo».

A contracorrente, François Jost (2001), cuja análise se inscreve numa perspectiva mais semiológica, no seu livro *Télévision du quotidien*, rejeita o maniqueísmo que distingue a suposta “neo-televisão”<sup>2</sup>, berço do cidadão anónimo, da “paleo-televisão”, primeiro paradigma televisivo, onde só a voz “científica” teria importado. A crença num telespectador-actor da sua própria vida, que viria actuar e libertar-se pela palavra televisiva, não passaria de uma miragem, cuja única utilidade é a de servir os interesses dos profissionais do meio audiovisual.

A emergência dos primeiros *reality shows* e de novos produtos, pertencentes à chamada “tele-realidade”, engendrou uma abundância de discursos sobre o impudor da televisão e o estreitamento do espaço privado. Em França, desde os primeiros programas como *PsyShow* (Antenne 2), em 1984, que inaugura um vasto ciclo de formatos de psicoterapias catódicas, os géneros televisivos mudaram, mas não necessariamente, as interrogações que suscitam.

Em vários países, foi o programa *Big Brother*, baptizado em França de *Loft Story* (*M6*), acolhido com alguma desconfiança, que fez escorrer muita tinta. Nas entreli-

<sup>1</sup> O formato é idêntico ao *Big Brother* português.

<sup>2</sup> Esta periodização, retomada inúmeras vezes na literatura, deve-se ao teórico italiano, Umberto Eco. Veja-se o artigo «Télévision : la transparence perdue», in *La Guerre du faux* (1985), Paris: Grasset.

nhas germinava uma promessa: mostrar a intimidade de um grupo de uma dezena de pessoas, sem interrupção. De que é que falamos quando evocamos essa intimidade televisiva tão depreciada? Não é a expressão “intimidade televisiva” já totalmente antinómica? Quais são os aspectos da interioridade humana que cada um aceita partilhar com os telespectadores? E quais as regiões do foro interno hostis à devastação mediática? E sobretudo, quais as recorrências temáticas? Como aparecem? Os temas atinentes à sexualidade são ou não os mais pregnantes, como é, *a priori*, lícito pensar? Ou será que se trata mais de uma intimidade familiar, doméstica? Quais os discursos onde se ancora a intimidade catódica? Como é ela exposta? Quais as formas e os territórios do íntimo-quotidiano num objecto semiótico tão complexo como a televisão? Foram estas as interrogações que constituíram verdadeiramente os alicerces do nosso percurso, sendo o nosso objectivo o de produzir um conhecimento novo em relação à exposição da matéria íntima na televisão e de observar os comportamentos culturais de dois países ocidentais, com uma herança diferente.

## 2.1. A intimidade ou as inconstâncias de um valor

A questão da revelação da intimidade não é propriamente nova. Não se restringe, pois, à única esfera audiovisual. A confissão íntima não data de ontem. A confissão pública, também não, pois judeus e cristãos recorriam a ela muito antes que se instalasse a confissão auricular ou privada. Os padres, os psicanalistas acolhem desde há muito as lamentações e os dissabores privados. O género do íntimo interpelou investigadores, que se interessaram por outros meios de expressão, da literatura à Internet. Já no século XVII, o filósofo Pascal criticava o “ridículo projecto” de Montaigne, que quis pintar o quadro da sua vida nos seus *Ensaïos*.

Philippe Lejeune (2000), por exemplo, cujo pensamento é muito fecundo, debruçou-se sobre os ciberjornais íntimos e tentou compreender não só a motivação dos ciberdiaristas, como também a significação social desta prática. A prática relativamente recente do *blog*, que permite a um utilizador da Net manter um espaço pessoal de pensamentos e reflexões sobre um determinado assunto, confere ao seu trabalho um eco realmente interessante e pertinente. Qualquer que seja o material que lhe sirva de *relais*, a problemática da intimidade publicitada, porque toca a questões intestinas do indivíduo e da sociedade, não deixa de nos atormentar. É precisamente essa “extimidade”<sup>3</sup>, conceito forjado por Lacan, mas retomado por Tisseron (2001), que os artefactos modernos, desde a Internet ao telemóvel, exploram sem freio.

Porém, é curial lembrar que, se o perímetro do íntimo parece crescer sob o efeito da pressão das tecnologias, esse movimento de visibilização dessa parcela tão sagrada da vida do indivíduo nem sempre teve a relevância que tem hodiernamente. Os artigos, compulsados no livro *L'Histoire de la vie privée*, dirigido por Philippe Ariès e

<sup>3</sup> Serge Tisseron define *extimité* como «le mouvement qui pousse chacun à mettre en avant une partie de sa vie intime, autant physique que psychique», (Tisseron, 2000: 52).

Georges Duby (1987), realçam o facto de essa esfera, que hoje alimenta um certo tipo de imprensa, não ser uma realidade natural, mas sim histórica. Houve séculos durante a História da Humanidade em que certas coisas não podiam nem deviam atravessar o “muro do silêncio”.

Richard Sennett (1979) mostrou de que maneira, no século XVIII, a emergência de uma “cultura da personalidade” favoreceu a expressão do sentimento íntimo. A sociedade intimista é uma sociedade “incivil”, que rompeu com o espírito e o sentido dos interesses do grupo. A obsessão com a transparência psicológica acarreta a tirania, pois anula a distância interpessoal, garante das relações com o Outro:

L'intimité est une tyrannie de ce genre. Elle nous fait mesurer toute la réalité sociale à l'aune de la psychologie. Dans la mesure où cette tyrannie triomphe, la société elle-même est déformée.(...) Seul compte ici ce qui est proche ou immédiat. Plus cette tyrannie de la proximité s'impose, plus les gens cherchent à se libérer des coutumes, des manières sociales, des codes, etc., pour s'ouvrir de façon inconditionnée les uns aux autres. (Sennett, 1979: 274)

Várias outras obras reflectem o carácter movediço do conceito de intimidade e das noções que têm com ela afinidades. Assim, Jean-Claude Bologne põe em relevo as metamorfoses dos comportamentos pudicos, e mais particularmente do pudor corporal, insistindo na pluralidade das manifestações do sentimento pudico. Assim, como refere (1997: 417), «selon les époques et les lieux, on a craint de montrer certaines vertus, certains sentiments (surtout les larmes), certaines parties du corps».

Para o sociólogo Norbert Elias (1973), a constituição de duas esferas distintas remete para o “processo de civilização”, que o autor situa no século XVI. De um modo geral, o pudor ligado à nudez e à sexualidade era menor antes desse período, quando os costumes ocidentais começaram a evoluir no sentido de um maior autocontrolo sobre os impulsos básicos e as emoções.

Na opinião do britânico Anthony Giddens (2004), a grande mudança intervém no século XVIII, quando se dá um estreitamento dos laços entre cônjuges em detrimento do amor filial, sob a influência das ideias românticas. As mutações ocorridas nestas últimas décadas revelam uma democratização, em particular da sexualidade, que se tornou um pilar fundamental da identidade e da realização pessoal.

Estudos recentes, nomeadamente em ciências políticas, mostram que o mesmo conceito não encerra os mesmos valores nem as mesmas significações na Europa e nos países do Médio Oriente, por exemplo. Num recente artigo do *Le Monde*<sup>4</sup>, a propósito do *Big Brother* árabe, o programa «Al-Raï», reforça essa mesma ideia. Sete dias depois do lançamento, o programa foi cancelado. Sob a pressão de manifestantes e segundo o porta-voz do canal, essa decisão foi tomada a fim de «respeitar os valores e as constantes da família árabe muçulmana».

O que é mostrável, representável e dizível não tem, portanto, os mesmos contornos e depende maioritariamente dos sistemas de valores ético-normativos e políticos, pró-

<sup>4</sup> Tewfik Hakem, *Le Monde*, 13/03/2004.

prios a cada área cultural. Em suma, é a cultura que fixa o quadro deste espaço elástico chamado “intimidade”.

## 2.2. Do íntimo para o íntimo-quotidiano

A noção de intimidade, pouco científica e resistente à análise sociológica, está saturada de subjectividade. Não quantificável e qualificável por todos, surge como uma entidade turva. Jean Baudrillard (1986: 12) chega mesmo a escrever que «l'intime n'est ni un concept ni une notion historique, c'est un mot chargé d'affect». Larga e polimorfa, a intimidade é um construto complexo e difuso, que envolve muitos significados.

Variando com o tempo e o espaço, a intimidade é essencialmente determinada, como referimos, pela cultura. Partindo da etimologia, o íntimo é o que é superlativamente interior. O termo latino *intimus*, aparecido segundo consta em 1390, designa o superlativo do adjectivo *interior*, que reenvia para o que de mais profundo há no ser. O íntimo distingue-se de outros termos, que denotam a simples interioridade: *interno*, *intestino*, *intrínseco*. Surge aqui a primeira razão para a indefinição relativa do conceito: como determinar *a priori* o que constitui para determinado indivíduo a parte de interioridade que a palavra “intimidade” cobre?

A literatura científica distingue dois tipos de relação de intimidade:

- uma primeira definição insiste na intimidade em termos de experiência “intra-psíquica”, considerando neste caso a relação que o sujeito tem consigo próprio.
- enfim, uma definição em termos de experiência “inter-psíquica”, em que a relação diádica entre dois indivíduos surge como a condição *sine qua non* da intimidade.

Os territórios do mundo íntimo remetem para práticas e discursos diferentes, muito variáveis consoante as épocas e os contextos. Conceito flutuante por essência, a intimidade corresponde a espaços múltiplos. Gérard Houle (1993) propõe uma definição que se nos afigura pertinente:

L'intime désigne ce dont on ne parle pas, non parce qu'il est nécessairement un tabou mais parce que c'est précisément intime, c'est-à-dire personnel et qui ne concerne que soi et pas les autres ; ou alors, et suivant le cas, quelques-uns, des “intimes” qui sont dans le secret, ce dont encore une fois on ne parle pas aux autres. Tabou, secret, indicible, inavouable, ineffable, personnel ou encore privé, confidentiel ; voilà autant de catégories cognitives qui définissent l'intime, de manière plus précise, les frontières, les limites de l'intime. Ces frontières sont bien sûr relatives. Elles ne sont pas les mêmes dans toutes les sociétés, pas plus qu'il n'y a d'intimité dans toute société. (Houle, 1993: 77)

Não obstante os esforços para balizar esta noção, ela mantém-se sempre lacunar, sobretudo em francês. Por exemplo, para designar todo o escrito autobiográfico, denominado «journal intime», o acrescento do adjectivo «intime» é necessário para estabelecer uma distinção. Em português, assim como em inglês, essa subtilidade é pleonástica. O substantivo *diário* (em inglês, *diary*) define precisamente o «journal intime». Encarado como adjectivo, qualifica o que pertence ao dia-a-dia, à esfera do

quotidiano. Nesse sentido, na linguagem corrente, fala-se na *vida diária* para evocar as tarefas e práticas do quotidiano.

De um ponto de vista cognitivo, esse parentesco linguístico entre o que é íntimo e o que é quotidiano conduz-nos a reconsiderar o conceito de “intimidade”, de o reavaliar. A proximidade do que releva da esfera do íntimo e do quotidiano, apresenta um carácter muito pertinente para o nosso estudo, pois evidencia a interpenetração de dois mundos. O conceito de “íntimo-quotidiano” reveste um valor operatório, pois conjuga os dois eixos que se desenharam ao longo da nossa investigação, evidenciando a bidimensionalidade dos conteúdos que pudemos observar em ambos os canais.

A esfera do quotidiano, de todos familiar e que *a priori* não possui grande interesse, é colocada em cena em muitos programas. A palavra profana não se situa unicamente no universo do foro interno, condensa-se também no foro externo, isto é, nas relações que o homem mantém com o ambiente à sua volta. François Jost (2001), que estudou quarenta anos de televisão francesa, vê nesses programas um duplo destinatário: o cidadão, por um lado, o telespectador, por outro. Essa orientação para a vida do quotidiano surge como o recurso quase obrigatório para vasculhar as profundezas da vida privada. Muitos programas, baseados numa conversa entre o convidado e o apresentador, são, em definitivo, mais o *condominium* da intimidade e do quotidiano do que propriamente o bastião único da interioridade individual.

### 3.1. Convergências das estações em estudo

Toda a investigação sobre a intimidade exige que se invoquem considerações de ordem cultural. A observação em paralelo da televisão francesa, cuja história é mais antiga, e da televisão portuguesa, durante muito tempo reprimida por um regime autoritário, permite apontar as regularidades para além das diferenças e compreendê-las à luz da história de duas personalidades culturais distintas. Bipolar, a nossa investigação levou-nos a observar o caso português, através de um estudo criterioso do arquivo da SIC, e o caso da TF1, através do volumoso arquivo do INA (Institut National de l’Audiovisuel).

Estes dois canais, embora apresentem algumas particularidades, autorizam-nos a concluir que estamos perante identidades televisivas bastante próximas, sobretudo se atendermos para as características que retracem a sua génese, a sua programação e o seu perfil. A SIC, nascida a 6 de Outubro de 1992, põe um ponto final no monopólio da monumental e empoeirada RTP. TF1, estação privada desde 1986, inaugura uma segunda fase da sua vida ao programar formatos inovadores<sup>5</sup>, ausentes até essa data. Nesse aspecto, ambas fazem figura de pioneiras ao introduzirem, nessa década, géneros e conteúdos audaciosos e ao imporem uma linguagem televisiva que rompe com os cânones anteriores.

<sup>5</sup> Hervé Bourges, que, nessa altura, toma o comando do canal, define as regras de maneira muito precisa: «Qu’ou ne programme plus désormais des émissions produites au hasard, mais qu’on les prévoie et les fabrique en fonction d’un projet d’ensemble. Mon objectif : faire une vraie politique de programmes, une télévision populaire de qualité à l’écoute du public et des créateurs. (...) Pour mot d’ordre : la seule raison d’être de TF1, c’est le public» (citado por NICK, C. & PEAN, P., 1997 : 653).

Essas duas entidades, cujo signo distintivo é a sua obediência a uma lógica comercial<sup>6</sup>, assente em importantes receitas publicitárias, partilham também o facto de explorarem géneros e temáticas privilegiados, muito rentáveis. Populares, com audiências invejadas pelos outros canais, ambas são alvo de acerbas críticas e rapidamente acusadas de fazer o leito do tão vilipendado “tele-lixo”<sup>7</sup>. Curiosamente, ambas falham o encontro com a dita “real-TV”. Em Portugal, é a TVI que emite em Setembro de 2000 o *Big Brother*; em França, é o M6 que, ao programar o *Loft Story*, é propulsado para o primeiro lugar da corrida. Desde então, mergulharam no mar perigoso de outros programas semelhantes, sem se arrepiarem com as admoestações das entidades reguladoras. Ao longo dos anos, traça-se uma curva assintótica, sem que os dois canais se confundam totalmente, o que restabelece a ideia de uma grande proximidade.

### 3.2. Questões epistemológicas

O nosso estudo contrastivo, transgénérico e diacrónico inscreveu-se numa perspectiva pragmática. O nosso olhar pousou sobre um leque de programas muito heterogéneos, que, a despeito de serem diferentes do ponto de vista da forma e do conteúdo, são passíveis de serem avaliados à luz da intimidade e das suas gradações.

A abordagem diacrónica permite traçar a evolução, os movimentos e as sinuosidades da realidade que se pretende captar. Com base num *corpus* de 220 programas analisados<sup>8</sup>, pertencendo ao que François Jost (2005) teorizou como “mundo real” e “mundo lúdico”<sup>9</sup>, a perspectiva transcultural ganha em dimensão e permite traçar a topografia do íntimo-quotidiano.

Existem géneros onde, obviamente, a intimidade emerge facilmente. Por exemplo, os *talk-shows*, como *Fátima Lopes*, *Vida de Casal*, *Conversas Secretas*, *Segredos*, que têm o seu equivalente na TF1. Os *reality shows*, abundantes nos anos 90, tais como *O Juiz Decide*, *Ponto de Encontro*, *All You Need is Love*, não desmentem essa tendência. No entanto, alguns géneros, entre os quais o magazine, a reportagem ou até o concurso, dificultam a tarefa do observador, porque apresentam estruturas e conteúdos heteróclitos, tornando mais árdua a localização do íntimo-quotidiano.

Uma etapa fulcral para abordar o volume considerável de discursos foi a “categorização”<sup>10</sup>. Depois de uma fase de estruturação temática por categorias, cujo objec-

<sup>6</sup> O director-adjunto de programação da SIC, Manuel Fonseca, chega a afirmar que «a SIC é uma televisão privada, cujo objectivo é produzir entretenimento e ganhar dinheiro com essa produção. A televisão é um negócio. A SIC não persegue objectivos pedagógicos, educativos ou culturais» (Traquina, 1997: 83).

<sup>7</sup> *Télé-poubelle*, em francês.

<sup>8</sup> Ver o *corpus* em anexo (1.2. e 1.3).

<sup>9</sup> A tipologia dos mundos de François Jost é realmente fértil para o estudo da televisão. O mundo real, que age como uma «interpretante das imagens», permite ao telespectador «determinar se, sim ou não, as imagens falam do nosso mundo, qualquer que seja a ideia que têm sobre este mundo». O mundo lúdico, «intermediário entre o mundo da ficção, ao qual ele vai buscar as suas regras, e o mundo real, que liga de maneiras diversas o jogador ao mundo do jogo», corresponde a uma atitude que é «para rir».

<sup>10</sup> Ver em anexo a tabela 1.1.

tivo foi o de organizar o *corpus* de programas para poder proceder à sua comparação, passámos a pôr em relação os diferentes segmentos. Ao cabo deste exercício, todo o programa pode ser reduzido, de um ponto de vista paradigmático, a um ou vários descritores, que constituem elementos nucleares. A cada categoria foram associados vários descritores, isto é, noções interligadas por uma arborescência genérica e pertencendo a um mesmo universo semântico. Assim, à categoria geral “afectivo” estão associadas, de um ponto de vista paradigmático três subcategorias, “sentimentos”, “imagem de si” e “relações”, elas próprias definidas por descritores, que são unidades inferiores.

Esse procedimento qualitativo não dispensou todavia um estudo mais quantitativo, que permitiu observar a frequência e a distribuição das diferentes unidades temáticas. A taxinomia temática, não obstante uma certa arbitrariedade que deve ser considerada à partida, permite verificar se existem ou não diferenças significativas nas opções de ambos os canais. Permite averiguar a predominância ou não de certas unidades temáticas, isto é, uma sobre-representação ou uma sub-representação. Vejamos, antes de analisarmos alguns dos tópicos mais correntes, quais as linhas que permitem a emergência de uma televisão do íntimo-quotidiano.

### 3.3. Traços definitórios da televisão do íntimo-quotidiano

A televisão do íntimo-quotidiano apresenta traços definitórios, que possibilitam a produção de discursos íntimos na primeira pessoa. Em primeiro lugar, os programas que exploram a vida privada são espaços discursivos, que implementam uma textura interaccional, que supõe um contacto entre o apresentador e o seu convidado. Daí que François Jost tenha sublinhado que, nos anos 70, «se passou de uma televisão cultural para uma televisão de promoção cultural, de uma televisão com a marca do cinema para uma televisão de *plateau*, voltada para a conversa» (Jost, 2005: 8). Na sua globalidade, nesses programas, os discursos parecem-se uns com os outros. Vem-se para falar de amor e das dificuldades que lhe são constitutivas (na TF1, *L'Amour en Danger*, *Parlez-moi d'amour*, *C'est quoi l'Amour?*, etc.; na SIC, *All You Need is Love*, *Perdoa-me*, *Cenas de um Casamento*, etc.); responder a perguntas para encontrar a alma gémea (na TF1, *Tournez Manège*, *Ordinacoeur*; na SIC, *Encontros Imediatos*); encontrar familiares e recompor laços quebrados (na TF1, *Témoin n.º 1*, *Perdu de vue*; na SIC, *Ponto de Encontro*, *Casos de Polícia*); reclamar justiça e denunciar as falhas das instituições (na TF1, *Vérités Interdites*, *Sans aucun doute*; na SIC, *O Juiz decide*) ou finalmente, evocar um aspecto da vida quotidiana (na TF1, *Evelyne*, *Mode de vie*; na SIC, *Fátima Lopes*, *Sim ou Não*).

Os espaços do íntimo-quotidiano televisivo funcionam com um dispositivo relacional, que favorece a proximidade ou até mesmo a familiaridade. A figura do apresentador é, neste ponto, fundamental, sendo ele que conduz as interações e que determina a sua pertinência. Qualquer que seja o programa, como escrevem Sabine Chalvon-Demersay e Dominique Pasquier (1990), «on a toujours l'impression qu'un animateur



ne fait rien d'autre que d'être lui-même (...), ce qui est en l'occurrence exactement le résultat recherché puisqu'il faut que chaque téléspectateur ait l'impression d'assister à une scène parfaitement naturelle».

A comunicação televisiva, por ele induzida, deixa surgir o testemunho, verdadeiro alicerce da intimidade. A experiência desses heróis efêmeros é investida de um poder, que não escapa aos profissionais da televisão: garantir a autenticidade de um vivido e de uma emoção. Contudo, essa liberdade de palavra permanece ilusória, como faz notar Sébastien Rouquette (2002), que trabalhou sobre a evolução dos debates:

Le témoignage (...) est avant tout un enfermement dans leur champ de compétence, puisqu'ils [les invités] ne peuvent plus tout à fait échapper au personnage qu'ils deviennent en acceptant de parler en raison de leur appartenance à un groupe. Non que leur rôle soit strictement écrit, mais par définition, en perdant de plus en plus souvent le droit de ne représenter qu'eux-mêmes, ils perdent potentiellement celui de ne parler qu'en leur nom. (Rouquette, 2002: 321).

Essas balizas, impostas pelo “papel” específico atribuído ao convidado que testemunha, conduzem invariavelmente a uma estereotipização dos discursos, quando paradoxalmente os canais de televisão clamam pela originalidade e a novidade nos assuntos tratados. Esse quadro mantém-se nos programas de entretenimento, quando se trata de “extirpar” uma confidência, como foi o caso no *Confissões*, apresentado por Teresa Guilherme. O que muda é o tom. Entre proximidade e familiaridade, entre gravidade e leveza, o intercâmbio entre as duas instâncias – apresentador e convidado – combina o conteúdo verbal com as expressões e as atitudes mais variadas. Essa conjunção da função referencial do discurso com a função pragmática esboça o mapa essencial, comum a todos os programas, que tem a pretensão de “arrancar” intimidade, qualquer que seja a forma.

#### **4.1. Territórios e tópicos do íntimo-quotidiano**

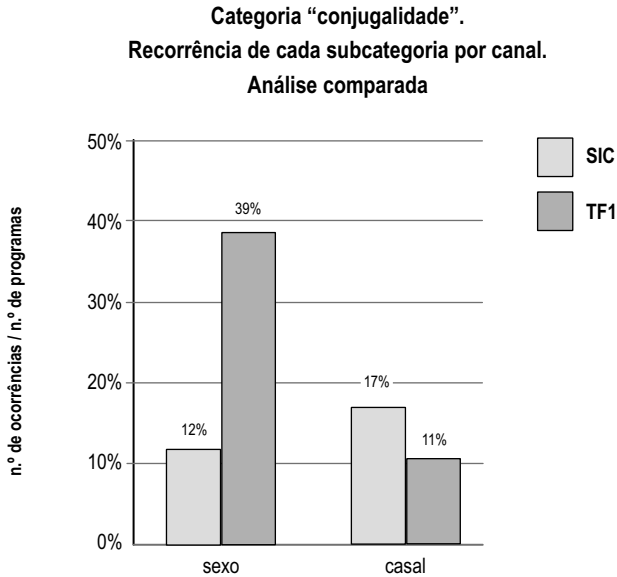
De forma resumida, pretende-se restituir ao leitor as principais conclusões da nossa análise. Tendo em conta o espaço que nos é aqui concedido, pensamos pertinente focar alguns aspectos, que julgamos mais interessantes e descurar outros, em prol de uma leitura mais fluida e fácil. Decidimos propositadamente incidir o nosso olhar sobre a temática da sexualidade e da conjugalidade, que revelam dados dignos de interesse.

##### **Sentimentos, sexo e conjugalidade**

Assim, o nosso estudo – que se estende do fim dos anos 80 até ao ano 2000 – tende a mostrar que, apesar de uma exposição impudica em matéria sexual, algumas práticas ficam nos bastidores. A visibilidade dos assuntos relativos à sexualidade não merece exactamente o mesmo tratamento na SIC e na TF1.

É interessante notar antes de mais que, em ambos os canais, o sexo é dito, mas não é mostrado. Aparece, antes, na linguagem verbal, e não na sua representação visível.

Outro reparo: os programas que abordam a temática sexual são os que falam de amor e de sentimento. Os dois universos tornaram-se como que solidários e indissociáveis. Alguns temas, ligados à identidade e às práticas sexuais acedem a uma forma de legitimidade mediática. Transexualidade, homossexualidade, bissexualidade definem o horizonte das multissexualidades contemporâneas. Estas temáticas não são igualmente tratadas num país e noutra, como indica o quadro abaixo.



Assim sendo, os descritores relativos ao “sexo” aparecem em 39 % dos casos para a TF1 e só em 12 % para a SIC. A discrepância não é abissal, mas revela zonas de sombra no ecrã português. Se agregarmos as subcategorias “sexo” e “casal”, obtemos um valor de 50% para a TF1, contra 29% para a SIC. Esse desequilíbrio reflecte, entre outras coisas, uma visibilidade tardia dessas temáticas na televisão portuguesa, que surgem com maior dimensão no meio dos anos 90. Indica também uma certa reserva ou um certo pudor no tratamento que lhes é dado.

Na TF1, as perguntas do apresentador são directas, as reportagens são ilustradas por casos concretos, com testemunhos em carne e osso, que dão a cara. No entanto, o registo sexual não é forçosamente contido no próprio nome do programa. O programa *Ne me parlez pas d’amour*, emitido na TF1 no início dos anos 80, explora subtilmente os deslizamentos entre a temática amorosa e a temática sexual. É também o que aponta Jost (2001), quando escreve a propósito desse mesmo programa que, «mesmo que a produtora se gabe de fazer uma investigação sobre a paixão amorosa e os sentimentos, as conversas giram antes de mais à volta das relações físicas» (Jost, 2001: 175).

Vinte anos mais tarde, o *modus operandi* é o mesmo, como se a legitimidade da questão sexual na televisão fosse mais aceitável numa conversa sobre o amor. Mesmo em

programas matinais como *Evelyne*, que poderíamos comparar com o programa *Fátima Lopes*, a sexualidade pode ser convocada, sem que seja inicialmente o tema do dia. As imagens que seguem, extraídas do programa emitido a 13/06/96, cujo tema era “Amar depois de um acidente”, são explícitas quanto aos deslizes que evocámos acima:



11:22:08:10

Evelyne: – Então, o que mudou nas vossas vidas? São casados há bastante tempo, não é ?



11:22:10:03

A esposa de Patrick: – Bastantes, bastantes... Vinte e dois para dizer a verdade.



11:23:54:16

Patrick: – A minha fractura é do nível D4, um pouco mais baixo do que no caso da Sylvianne. D4 é aqui. Nada do que há para baixo funciona.  
Sylvianne: – Pois, ele tem inveja!



11:24:05:16

Sylvianne: – Eles têm inveja!  
Evelyne: – Ah! E então, como se faz num caso desses?



11:24:09:00

Patrick: – É fácil, é fácil, quero eu dizer que ainda tenho as minhas mãos...  
Evelyne [rindo]: – Ah sim!



11:24:10:13

Patrick: – Está a perguntar-me como se faz... Ainda me sobram as mãos. Euh... Ainda tenho a boca! Euh... Quero dizer com isso que...  
Evelyne: – Stoooooop!



11:24:19:02

A esposa de Patrick: – E sobra-lhe a cabeça.  
Ele tem muita imaginação!



11:24:24:14

Patrick: – Eu não sou muito mais aleijado do que o  
ejaculador precoce do lado!



11:24:26:01

Evelyne: – Ah, por favor!

O jogo entre o implícito e o explícito permite, de facto, ao discurso ajustar-se às margens da decência e do aceitável em televisão. Onde, na TF1, vida sexual e vida amorosa evoluem *pari passu*, na SIC, as questões de amor ficam alojadas na sua referencialidade primeira.

Essa tendência mantém-se até ao ano 2000, altura em que surgem novos formatos, que abalam os hábitos dos telespectadores portugueses. Como interpretar um programa como o *Sex Appeal*, cujo nome não necessita de grandes apresentações?

A progressão da linguagem verbal e visual que paulatinamente se desenha, através da utilização clara e frontal de termos próprios ao sexo, revela que as mentalidades se transformaram, libertando-se do jugo de uma moral judaico-cristã pesada. «Cette évolution vers plus d'objectivité pourrait laisser supposer – como nota Jean-Louis Flandrin – que les interdits sociaux sont aujourd'hui moins lourds, voire inexistants.» (Flandrin, 1981: 29)

### Misérias e esplendores da vida conjugal

Outro grande tema do íntimo-quotidiano é o “casal”. Fidelidade, casamento, ruptura ou divórcio constituem lugares favoráveis à publicitação da vida privada do indivíduo. A vulnerabilidade assim como a volatilidade do casal moderno beneficiam os produtores, que exploram todas as suas dimensões. No que diz respeito a esta categoria, a SIC e a TF1 apresentam valores equivalentes (17%, SIC; 11%, TF1). Ambas as estações se aproveitam da conjugalidade para fazer surgir conflitos e tensões, que são alavancas poderosas das audiências.

Vejamos o exemplo do *All You Need is Love* português, que é emitido em França, com o nome de *Parlez-moi d'amour*. Na TF1, o programa dessa noite (28/02/97) apresenta o caso de dois apaixonados zangados, que o apresentador vai tentar juntar novamente.



20:59:26:14

Jean-Marc: – Diante destas câmaras, quero-to dizer de maneira solene: ninguém é mais importante do que tu, querida.



20:59:33:24

Jean-Marc: – Quero mesmo viver contigo.



20:59:38:09

Jean-Marc: – Amo-te apaixonadamente.



20:59:58:03

Julien Courbet: – Então, hoje, o Jean-Marc, acho que lhe disse coisas claras. Ele lamenta a maneira como as coisas se passaram. Segundo percebi, ele percebeu que deveria ter agido de outra maneira.



21:00:06:05

Pia: – Penso que temos ambos a nossa parte de responsabilidade. Não é ele o único, mas pronto...



21:00:14:18

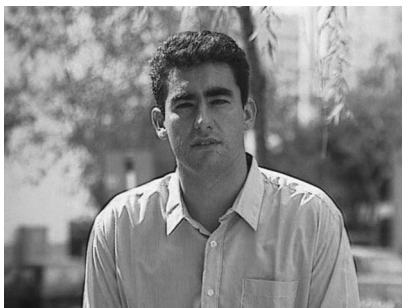
Julien Courbet: – A Pia lamenta essa separação? Sim, porque ela aconteceu em circunstâncias...



1:02:21:07

[Jean-Marc et Pia encontram-se pouco depois...]

Palavras de amor, abraços, beijos, choros, desculpas... fazem parte da gramática do íntimo-quotidiano televisivo, que Dominique Mehl apelidou de “televisão lacrimal”. As demonstrações públicas de amor são como que um *leitmotiv* num texto, tornando-se num modo existencial normalizado. O pudor discursivo perdeu algum vigor. Os sentimentos também devem ser desnudados. Quer o amor, quer o desamor merecem o seu espaço na televisão. No programa *All You Need is Love*, de 19/10/94, Pedro vai ter de afrontar publicamente um amor não correspondido:



Ao longo da reportagem, Pedro apresenta as suas desculpas a Judite.



Na caravana do programa, Judite ouve a mensagem de Pedro.



*Judite, atenta.*



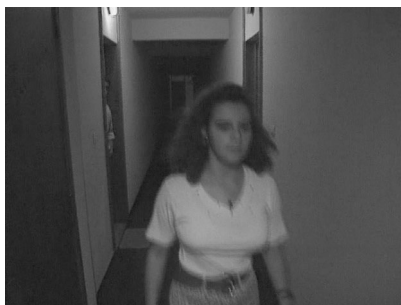
*Depois da reportagem. No prédio de Pedro. Ele tenta convencer a ex-namorada a voltar para ele.*



*A conversa está difícil. Judite não acredita mais em Pedro.*



*Judite confirma que não volta para ele.*



*Judite, irritada com a insistência de Pedro, vai embora.*

## 4.2. Formas e gradações do íntimo-quotidiano

Várias intimidades se manifestaram nos programas analisados. Intimidade verbal, visual, corporal. O íntimo-quotidiano resume-se, no fundo, a uma sedimentação de texturas, visíveis e detectáveis a níveis esparsos. A matéria íntima é, portanto, um constructo plural. O holismo das primeiras sociedades recusava qualquer espaço à interioridade. As mutações progressivas da sociedade permitiram o desenvolvimento do seu território. Existem, assim, “intimidades”.

O nosso *corpus* permitiu destacar três níveis diferentes. O grau zero da intimidade ou “infra-intimidade”, que determina um grau de impessoalidade tal que não existem interstícios por onde a matéria íntima possa penetrar. É o caso dos programas onde os dispositivos são dirigidos para uma função informativa, onde o sujeito não pode falar enquanto “eu”. Entre estes encontram-se muitos miniprogramas e emissões políticas, que reivindicam, nas palavras de Charaudeau e Ghiglione (1997), um «propósito de credibilidade». Esse nível é, na realidade, bem mais teórico do que materialmente concreto. A ideologia da intimidade e a pressão da era do divertimento constituem duas razões que explicam a vitalidade dos programas, que narram a intimidade do indivíduo.

Num primeiro nível existe o «íntimo-quotidiano declarativo», onde a enunciação é reduzida ao máximo, banindo toda a possibilidade de o sujeito se dizer. As fórmulas são lapidares, não sobrando tempo para a introspecção. Aqui se concentra a maior parte dos concursos, onde o carácter superficial e lúdico da conversa não permite a instalação de qualquer tipo de revelações ou de confidências. Este patamar tece unicamente uma identidade “epidérmica”.

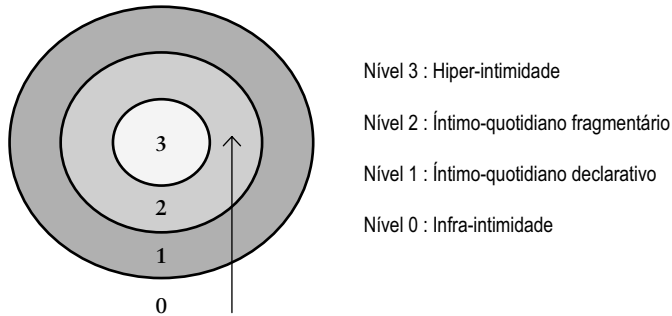
A progressão para um segundo nível, que assinalámos como o espaço do “íntimo-quotidiano fragmentário”, corresponde a uma exibição temperada da intimidade. O universo do indivíduo deixa-se captar. Fotografias de pessoas, imagens de familiares e de locais, estilos de vida, constituem elementos desses bastidores, pouco a pouco descobertos. *Locus* privilegiado do *talk show*, do *reality show* e da reportagem, esta franja descobre o véu sobre a vida privada e pessoal.

Sob um modo mais exagerado, exprime-se a “hiper-intimidade” do último nível. Os protagonistas destes programas desvendam os seus problemas, as suas feridas, sem pudor. Chorar, abraçar, beijar. Eis alguns dos gestos e comportamentos que levam ao paroxismo a revelação de si. O telespectador acede ilusoriamente à sensação de descobrir os segredos, o que até aí parecia improvável. A este nível corresponde o que Jean-Marc Vernier (1993) qualificou de “imagem-profundidade”, uma imagem que possui como que uma credibilidade exacerbada. O programa da hiper-intimidade é auto-referencial, precisando de um caminho reflexivo. O “eu” torna-se num objecto-hermenêutico, cuja história é necessário contar. Este nível é codificado segundo uma retórica do excesso, em que intimidades conjugal, familiar e doméstica se sobrepõem.

No reino da televisão, a cartografia do íntimo não se divide, portanto, em dois mundos opostos. Intimidade e “extimidade” convivem juntas. Não existindo uma matemática da televisão, é possível contudo detectar as regiões predilectas onde a intimidade aceita expor-se, com graus distintos, que aqui tentamos reproduzir.



### Modelização dos diferentes níveis de intimidade por círculos concêntricos



### 4.3. O império de um íntimo-quotidiano globalizado ?

Se a globalização não deixa de alimentar inúmeros discursos, uns mais integrados, outros mais apocalípticos, é interessante notar que também em matéria audiovisual a homogeneização se expande, quer ao nível dos géneros, quer ao nível dos conteúdos. Ao contrário do que se poderia pensar natural e intuitivamente, a caixa catódica lusitana não é mais pudibunda do que a sua congénere francesa. A análise realizada e resumida neste espaço permitiu observar uma real tendência para a estandardização da realidade televisiva, apesar de subsistirem alguns focos onde se afirmam ainda as idiossincrasias.

Nesse contexto, as representações da intimidade tendem, também elas, a uniformizar-se. A tensão entre o representável e o irrepresentável, entre o dizível e o indizível, longe de se ter completamente esvaído sob o impulso de um movimento progressivo de transparência, ainda agita o pequeno ecrã. Entre hesitação e audácia, os impensáveis conteúdos de antanho foram ditos e exibidos na cena pública.

Na corrida audiovisual, Portugal, que partiu com um *handicap* severo, dado o enclausuramento que foi o seu durante décadas, junta-se nos tempos recentes à vizinha França. Os anos 90, que vêem emergir a SIC, marcam uma etapa na história da televisão portuguesa. A entrada na Comunidade Europeia e a liberalização do sector audiovisual abriram a porta a uma televisão mais fresca, mais “vanguardista”, menos escrava de uma moral policiada. A entrada da Endemol no mercado português, em 1994, acentua os traços, que desenham uma certa uniformização dos formatos.

Desde então, a televisão portuguesa possui um vestuário muito parecido com o das homólogas europeias. Não são de estranhar os programas recém-chegados, tais como *L'Île de la tentation* (*Confiança Cega*, SIC, 2001), *Star Academy* (*Academia de estrelas*, TVI, 2002), *Pop Stars* (*Ídolos*, SIC, 2003) ou *La Ferme des célébrités* (*Quinta das celebridades*, TVI, 2004). Inicialmente muito artesanal, a SIC dotou-se dos mesmos adornos que a sua homóloga TF1. O mesmo impudor as caracteriza. Não obstante alguns matizes, a dialéctica entre o implícito e o explícito, as mesmas imagens e as mesmas palavras codificam um íntimo-quotidiano, quase estandardizado.

Obviamente, cada canal detém um estilo próprio. TF1 é mais licencioso, mais cru no propósito, mais franco e radical. SIC, sobretudo nos seus primeiros anos, faz prova de uma maior contenção. Mas, ao explorar as brechas que se lhe ofereciam, ambos progrediram na incursão pelo mundo sagrado da intimidade ordinária. Ao desafiar por vezes a moral, procuram alargar o perímetro do poder que tem sobre o mundo privado do indivíduo. O império do íntimo-quotidiano televisivo não cessa de ganhar terreno e continua a sua marcha para o divertimento cujo maior protagonista é o indivíduo anónimo.

### Referências bibliográficas

- Ariès, P. & Duby, G. (1985), *Histoire de la vie privée*, Paris: Seuil.
- Baudrillard, J. (1986), « La sphère enchantée de l'intime », in Czechowski, N. (1986), *L'Intime*, Paris: Autrement.
- Bologne, J.-C. (1986), *Histoire de la pudeur*, Paris: Olivier Orban.
- Chalvon-Demersay, S. & Pasquier, D. (1990), *Drôle de stars. La télévision des animateurs*, Paris: Aubier.
- Charaudeau, P. & Ghiglione, R. (1997), *La Parole confisquée*, Paris: Dunod.
- Elias, N. (1973) *La Civilisation des mœurs*, Paris: Calmann-Lévy.
- Ehrenberg, A. (1995) *L'Individu incertain*, Paris: Calmann-Lévy.
- Farbiaz, P. & Mamère, N. (2001), *La Vie rêvée du Loft*, Paris: Ramsay.
- Flandrin, J.-L. (1981), *Le Sexe et l'Occident. Evolution des attitudes et des comportements*, Paris: Seuil.
- Giddens, A. (2004), *La Transformation de l'intimité. Sexualité, amour et érotisme dans les sociétés modernes*, Paris: Le Rouergue/Chambon.
- Houle, G. (1993), « Pour une sociologie de la connaissance de la vie : de l'usage des histoires de vie », in Brunet, M., Gagnon, S. (1993), *Discours et Pratiques de l'intime*, Québec: Institut Québécois de Recherche.
- Jost, F. (2001), *La Télévision du quotidien. Entre réalité et fiction*, Bruxelles: INA/ De Boeck Université.
- Jost, F. (2005), *Comprendre la télévision*, Paris: Armand Colin.
- Lejeune, P. (2000) « *Cher écran* », Paris: Seuil.
- Mehl, D. (1996), *La Télévision de l'intimité*, Paris: Seuil.
- Nick, C. & Péan, P. (1997) *TF1, Un pouvoir*, Paris: Fayard.
- Papin, B. (2005), « La télévision à l'épreuve de la "révolution sexuelle" », in Jost, F. (2005) *Années 70, La télévision en jeu*, Paris: CNRS Editions.
- Rouquette, S. (2002), « Du témoignage télévisé », in Bertin-Maghit et alii, *Discours audiovisuels et mutations culturelles*, Paris: L'Harmattan.
- Sennett, R. (1979), *Les Tyrannies de l'intimité*, Paris: Seuil.
- Tisseron, S. (2000), *L'Intimité surexposée*, Paris: Ramsay.
- Traquina, N. (1997), *Big Show Media. Viagem pelo mundo audiovisual português*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Vernier, J.-P., (1993), « Mises en scène télévisuelles », in Sfez, L. (1993), *Dictionnaire critique de la communication*, Paris: PUF.

## 1.1. Tabela descritiva das categorias e dos descritores

AFFECTIF	PERSONNEL	CONJUGAL	FAMILIAL	QUOTIDIEN	PROFESSIONNEL	SOCIAL	SPIRITUEL
Sentiments	Santé	Sexe	Membres	Habitation	Marché du travail	Etat	Paranormalité
Amour	Guérison	Sexualité	Parents	Domicile	Chômage	Politique nationale	Guérisseurs
Amour-propre	Malformation	Fantasme	Enfants	Cambriolage	Activité professionnelle	Politique internationale	Voyance
Amitié	Opération	Virginité		Mobilier	Entreprise	Idéologie	Astrologie
Passion	Maladies	Homosexualité	Événements	Vaisselle	Carrière	Justice	Extra-terrestre
Jalousie	Chirurgie	Transsexualité	Naissance	Chauffage	Collègues	Economie	Monstres
Courage	Médecine	Chasteté	Conflit	Voisinage	Employeur	Guerre	Parapsychologie
	Grossesse	Polygamie	Séparation	Eclairage			
Image de soi		Plaisir			Apprentissage	Loi	Charlatanisme
Estime de soi	Deuil	Erotisme		Objets quotidien	Etudes		Exorcisme
Scandale	Disparition	Education sexuelle		Electroménager	Oriente	Administration	Légendes
Arrogance	Suicide	Séduction		Voiture	Projet	Documents administratifs	Miracles
Timidité	Meurtre	Contraception		Livre		Agents	
Fierté	Coma	Stérilité		Autre objet		Entités	Religion
							Croyances
Rapports humains	Corps	Couple		Activité du quotidien		Questions sociales	Vocation
Relations homme-femmes	Hygiène	Fidélité		Gastronomie		Criminalité	
Relation de couple	Poids	Célibat		Bricolage		Exclusion	Idées
Relations avec autrui	Apparence physique	Mariage		Ménage		Violence	Vision du monde
Relation parent-enfant		Rupture		Mécanique		Pauvreté	Mentalités
	Temps de la vie	Divorce		Jardinage		Cités	
	Enfance					Santé publique	
	Adolescence			Bien-être		Prostitution	
	Parcours			Beauté		Délinquance	
	Vieillesse			Diététique		Immigration	
				Soin		Sécurité outière	
	Traumatismes					Environnement	

	Agressão			Vêtements et parures		Science	
	Viol			Mode		Technologie	
	Inceste			Accessoires		Education	
	Harcèlement			Coiffure		Catastrophes	
	Handicap					Faits-divers	
	Accident			Loisirs		Coutumes	
	Mutilation			Sports		Fêtes	
	Phobies			Chasse		Traditions	
	Maltraitance			Vacances		Commémorations	
	Abandon			Voyages			
				Lecture		Arts et culture	
				Danse		Théâtre	
						Peinture	
				Vie pratique		Littérature	
				Impôts		Photographie	
				Argent		Médias	
				Héritage		Musique	
				Consommation		Cinéma	
				Escroquerie		Show-business	
				Litige			

## 1.2. Corpus de programas da TF1, por ano

ANO	DATA	NOME DO PROGRAMA
1987	09/01/87	<i>Tournez Manège</i>
	13/10/87	<i>L’Affaire est dans le sac</i>
	13/10/87	<i>L’Une de miel</i>
	19/10/87	<i>Chocs</i>
	11/11/87	<i>Super sexy</i>
	15/12/87	<i>Permission de minuit</i>
1988	14/03/88	<i>Surtout le matin</i>
	03/05/88	<i>Vérités interdites</i>
	22/05/88	<i>A la folie</i>
	24/05/88	<i>L’Après-midi aussi</i>
	14/10/88	<i>Avis de recherche</i>
	15/10/88	<i>De la cave au grenier</i>
	24/11/88	<i>Viva la vie: la santé d’abord</i>
	02/12/88	<i>Et avec les oreilles</i>
1989	02/12/88	<i>Ordinacoeur</i>
	11/03/89	<i>Allo Marie-Laure</i>
1989	23/03/89	<i>Questions à domicile</i>
	16/10/89	<i>Jeopardy</i>
	05/01/90	<i>52 sur la Une</i>
1990	12/01/90	<i>Grands reportages</i>
	20/01/90	<i>Reportages</i>
	12/02/90	<i>Les Quatre vingt dix rugissants</i>
	25/02/90	<i>Sept sur sept</i>
	26/02/90	<i>Médiations</i>
	07/09/90	<i>La Roue de la fortune</i>
	13/10/90	<i>Un samedi comme ça</i>
	1991	22/02/91
23/02/91		<i>Samedi après minuit</i>
02/03/91		<i>Reportages</i>
02/07/91		<i>Combien ça coûte?</i>
28/10/91		<i>L’Amour en danger</i>
1992	17/01/92	<i>Grands reportages</i>
	23/01/92	<i>Le Débat</i>
	04/03/92	<i>En quête de vérité</i>
	12/03/92	<i>La Vie continue</i>
	20/05/92	<i>Mea culpa</i>
	25/05/92	<i>L’Amour en danger</i>
	02/10/92	<i>Les Marches de la gloire</i>
07/12/92	<i>Coucou c’est nous</i>	

1.2. *Corpus* de programas da TF1, por ano (cont.)

ANO	DATA	NOME DO PROGRAMA
1993	05/02/93	<i>Les Marches de la gloire</i>
	04/03/93	<i>L'Amour en danger</i>
	29/03/93	<i>Faut pas rougir</i>
	05/02/93	<i>Les Marches de la gloire</i>
	04/03/93	<i>L'Amour en danger</i>
	29/03/93	<i>Faut pas rougir</i>
	17/04/93	<i>Reportages</i>
	26/04/93	<i>Témoïn n.º 1</i>
	26/05/93	<i>Méfiez-vous des blondes</i>
	27/05/93	<i>Mea culpa</i>
	15/06/93	<i>Durand la nuit</i>
	23/09/93	<i>Leçon d'amour</i>
	11/10/93	<i>Tout compte fait</i>
	01/11/93	<i>Santé à la Une</i>
	14/12/93	<i>Le Club de l'enjeu</i>
1994	20/01/94	<i>Méfiez-vous des blondes</i>
	21/02/94	<i>Pourquoi pas vous?</i>
	27/05/94	<i>Mystères</i>
	02/06/94	<i>Demain, il fera beau</i>
	29/09/94	<i>Famille, je vous aime</i>
	18/10/94	<i>Je suis venu vous dire</i>
1995	02/01/95	<i>Emmène-moi au bout du monde</i>
	06/01/95	<i>Tout est possible</i>
	12/01/95	<i>Scènes de ménage</i>
	18/01/95	<i>Grands reportages</i>
	25/01/95	<i>Le Droit de savoir</i>
	25/02/95	<i>Super nanas</i>
	06/03/95	<i>Perdu de vue</i>
	12/04/95	<i>37,5° le soir</i>
	20/07/95	<i>Super sexy</i>
	08/02/95	<i>Pour la vie</i>
	25/03/95	<i>Super mecs</i>
	27/11/95	<i>L'Odyssée de l'étrange</i>
	25/07/95	<i>Histoires Naturelles</i>
16/12/95	<i>Echos de star</i>	

1.2. *Corpus* de programas da TF1, por ano (cont.)

1996	19/02/96	<i>Témoïn n.º 1</i>
	22/01/96	<i>Pour la vie</i>
	08/05/96	<i>Va et vient</i>
	21/05/96	<i>Evelyne</i>
	03/06/96	<i>Perdu devue</i>
	13/06/96	<i>Evelyne</i>
	22/06/96	<i>Reportages</i>
	15/01/96	<i>Comme un lundi</i>
	18/07/96	<i>Evelyne</i>
	23/09/96	<i>L'Appel de la couette</i>
	23/10/96	<i>Mode de vie</i>
	1997	06/02/97
22/02/97		<i>L'Avis des bébés</i>
27/07/97		<i>Simple comme</i>
04/08/97		<i>52 sur la Une</i>
26/09/97		<i>Sans aucun doute</i>
28/02/97		<i>Parlez-moi d'amour</i>
1998	07/01/98	<i>À vrai dire</i>
	14/01/98	<i>Les Français sont comme ça</i>
	20/03/98	<i>Sans aucun doute</i>
	19/12/98	<i>Bloc modes</i>
	26/10/98	<i>Le Juste prix</i>
1999	15/01/99	<i>Chéri chéries</i>
	25/06/99	<i>En toute simplicité</i>
	30/09/99	<i>Bien jardiner</i>
	19/07/99	<i>Photos de vacances</i>
	11/10/99	<i>Y'a pas photo</i>
	14/11/99	<i>Aimer vivre en France</i>
	26/11/99	<i>Clíc et Net</i>
2000	02/01/00	<i>Être heureux comme</i>
	03/01/00	<i>Être heureux comme</i>
	17/03/00	<i>C'est quoi l'amour?</i>
	18/05/00	<i>Culture</i>
	09/06/00	<i>Vol de nuit</i>
	15/09/00	<i>C'est quoi l'amour?</i>
	23/09/00	<i>C'est quoi l'amour?</i>
	10/10/00	<i>Exclusif ce soir</i>
	06/11/00	<i>Célébrités</i>

1.3. *Corpus* de programas da SIC, por ano

ANO	DATA	NOME DO PROGRAMA
1992	06/10/92	<i>Praça Pública</i>
	08/10/92	<i>Conta Corrente</i>
	18/10/92	<i>Segredos</i>
	22/10/92	<i>Jogo da Verdade</i>
	13/12/92	<i>Segredos</i>
1993	17/01/93	<i>Encontros Imediatos</i>
	27/01/93	<i>Sexo Forte</i>
	08/02/93	<i>Tostões e Milhões</i>
	19/03/93	<i>Praça Pública</i>
	21/03/93	<i>Segredos</i>
	18/04/93	<i>Encontros Imediatos</i>
	07/07/93	<i>Sexo Forte</i>
	05/09/93	<i>E o Resto É Conversa</i>
	29/10/93	<i>Na Cama com...</i>
	21/11/93	<i>Conversas Curtas</i>
	23/11/93	<i>Terça à Noite</i>
	07/12/93	<i>Na Cama com...</i>
	09/12/93	<i>O Pecado Mora aqui</i>
	16/12/93	<i>Casos de Polícia</i>
1994	12/01/94	<i>O Pecado Mora aqui</i>
	02/02/94	<i>Falas Tu ou falo Eu</i>
	18/02/94	<i>Na Cama com...</i>
	20/02/94	<i>Labirinto</i>
	25/02/94	<i>Na Cama com...</i>
	27/04/94	<i>Perdoa-me</i>
	13/05/94	<i>Sete à Sexta</i>
	28/06/94	<i>Cenas de um Casamento</i>
	20/07/94	<i>Perdoa-me</i>
	06/09/94	<i>Vinte Anos Vinte nomes</i>
	19/09/94	<i>O Juiz Decide</i>
	19/10/94	<i>All You Need is Love</i>
	01/11/94	<i>Destino X</i>
	28/12/94	<i>Perdoa-me</i>
1995	01/02/95	<i>Perdoa-me</i>
	07/02/95	<i>O Senhor que Se Segue</i>
	16/03/95	<i>A Noite da Má-Língua</i>
	30/03/95	<i>A Máquina da Verdade</i>
	31/03/95	<i>Só para Inteligentes</i>
	07/04/95	<i>Não Se Esqueça da Escova dos Dentes</i>



1.3. *Corpus* de programas da SIC, por ano

ANO	DATA	NOME DO PROGRAMA
1995	11/06/95	<i>Uma Noite de Sonho</i>
	09/04/95	<i>Assuntos de Família</i>
	12/04/95	<i>All You Need is Love</i>
	13/05/95	<i>A Semana</i>
	23/06/95	<i>Cenas de um Casamento</i>
	05/10/95	<i>Agora É a Sua Vez</i>
	22/11/95	<i>Número Um</i>
1996	26/01/96	<i>O Juiz Decide</i>
	17/02/96	<i>Big Show SIC</i>
	18/03/96	<i>Ponto de Encontro</i>
	21/04/96	<i>Sim ou Não</i>
	16/05/96	<i>Verdes Anos</i>
	16/05/96	<i>Grande Reportagem</i>
	14/06/96	<i>O Juiz Decide</i>
	25/06/96	<i>Escrita em Dia</i>
	26/06/96	<i>Ousadias</i>
	08/07/96	<i>Flashback</i>
	03/10/96	<i>Casos de Polícia</i>
	18/10/96	<i>All You Need is Love</i>
	14/11/96	<i>Verdes Anos</i>
1997	00/00/97	<i>A Cadeira do Poder</i>
	13/02/97	<i>Vida de Casal</i>
	11/03/97	<i>Esta Semana</i>
	13/03/97	<i>Vida de Casal</i>
	25/04/97	<i>Confissões</i>
	26/05/97	<i>Viva a Liberdade</i>
	13/06/97	<i>Confissões</i>
	31/07/97	<i>Paródia Nacional</i>
	15/08/97	<i>Confissões</i>
	17/10/97	<i>All You Need is Love</i>
	11/11/97	<i>Filhos da Nação</i>
11/12/97	<i>Agora ou Nunca</i>	
1998	05/02/98	<i>Esta Semana</i>
	11/03/98	<i>Programa do Além</i>
	12/03/98	<i>Ai os Homens!</i>
	27/04/98	<i>Surprise Show</i>
	27/04/98	<i>Conversas Secretas</i>
	19/05/98	<i>O Juiz Decide</i>
	19/06/98	<i>Ponto de Encontro</i>
	26/06/98	<i>Ponto de Encontro</i>

1.3. *Corpus* de programas da SIC, por ano (cont.)

	24/07/98	<i>Ponto de Encontro</i>
	29/07/98	<i>Furor</i>
	30/07/98	<i>Última Chance</i>
	15/10/98	<i>Mundo VIP</i>
	18/10/98	<i>Ficheiros Clínicos</i>
	05/02/98	<i>Esta Semana</i>
	11/03/98	<i>Programa do Além</i>
	12/03/98	<i>Ai os Homens!</i>
	27/04/98	<i>Surprise Show</i>
	27/04/98	<i>Conversas Secretas</i>
	19/05/98	<i>O Juiz Decide</i>
	19/06/98	<i>Ponto de Encontro</i>
	26/06/98	<i>Ponto de Encontro</i>
	24/07/98	<i>Ponto de Encontro</i>
	29/07/98	<i>Furor</i>
	30/07/98	<i>Última Chance</i>
	15/10/98	<i>Mundo VIP</i>
	18/10/98	<i>Ficheiros Clínicos</i>
	21/10/98	<i>Cross Fire</i>
1999	12/01/99	<i>Conversas Secretas</i>
	28/01/99	<i>Esta Semana</i>
	25/02/99	<i>No Sofá Vermelho</i>
	26/02/99	<i>O Juiz Decide</i>
	10/03/99	<i>Cantigas de Maldizer</i>
	09/04/99	<i>Ponto de Encontro</i>
	25/05/99	<i>Duetos Imprevistos</i>
	16/08/99	<i>Roda dos Milhões</i>
	19/09/99	<i>Casos de Polícia</i>
	06/10/99	<i>SIC 10 Horas</i>
2000	09/01/00	<i>SIC 10 Horas</i>
	29/01/00	<i>Negócio Fechado</i>
	26/03/00	<i>Herman SIC</i>
	28/03/00	<i>Fátima Lopes</i>
	29/03/00	<i>Fátima Lopes</i>
	14/04/00	<i>Fátima Lopes</i>
	01/06/00	<i>Fátima Lopes</i>
	04/10/00	<i>SIC 10 Horas</i>
	20/10/00	<i>Sex Appeal</i>
	25/10/00	<i>SIC 10 Horas</i>
	20/12/00	<i>Sex Appeal</i>
	26/12/00	<i>SIC 10 Horas</i>
	27/12/00	<i>SIC 10 Horas</i>